



PALAVRAS DO GUARDIÃO

A meditação que trago hoje neste boletim é inspirada em uma história muito bonita, ocorrida na Irlanda, quando os protestantes ingleses dominavam a mesma, proibindo a Santa Missa. Os irlandeses, em meados do século XVII, procuraram uma forma de cumprir o seu dever de culto, e aí nasce o costume das chamadas *Mass Rock*, ou

seja, a Missa nas Rochas, duas vezes ao ano. Os irlandeses, proibidos de assistir a Missa, procuravam lugares afastados, e durante a noite utilizavam rochas como altares. Nestes locais, as crianças eram batizadas, os sacramentos ministrados e, enfim, na escuridão da noite, a vida católica continuava corajosamente, e neste tempo os irlandeses certamente rezavam às escondidas, para que o verdadeiro culto da verdadeira Religião pudesse ser permitido novamente. Lembrem-se, caros leitores, que os

ingleses não restringiam um culto, mas O culto verdadeiro! O *The Book of Common Prayer*, ou seja, o livro de oração comum dos anglicanos, era não só permitido, como também obrigatório naquelas terras por determinação dos ingleses protestantes. Não é mera coincidência a semelhança que há entre *The Book of Common Prayer* dos anglicanos e a chamada “Missa Nova” de Paulo VI. Basta que olhemos mais aprofundadamente. Contudo, o tema que queremos

abordar é que os católicos irlandeses não queriam um culto, mas desejavam O culto verdadeiro, da verdadeira Religião e, enfim, do Verdadeiro Deus, e é por este motivo que as rochas da Irlanda foram testemunhas da heroica coragem desses católicos. E este costume se perpetuou até os dias de hoje, em que duas vezes ao ano, para lembrar todo o sacrifício dos católicos que, na calada da noite, em tempos chuvosos

ou extremamente frios de um inverno rigoroso, contentes saíam de suas casas para serem verdadeiros católicos e rezar, para que um Estado protestante e consequentemente, ateu prático, pudesse se converter e se tornar um Estado católico. Hoje, 12 de outubro, data da publicação deste boletim, festa de Nossa Senhora Aparecida, a Capela São Patrício fez uma peregrinação para pedir a Deus um Estado católico. Não houve Missa nas Rochas, porque essa concessão foi dada somente a Irlanda, e não

podemos estendê-la ao Brasil. Porém, nas Rochas de Bofete, cantou-se o ofício da Santíssima Virgem para suplicar aos céus que nestas terras, terras de Santa Cruz, o verdadeiro culto nunca seja suprimido, e ao contrário, seja um dia, quem sabe, legalmente instituído como culto oficial do Estado. Nestas terras, em que o primeiro ato público foi o Santo Sacrifício da Missa, possa o culto verdadeiro ser de fato reconhecido, especialmente para os católicos, como



substancial, para que a sociedade possa se desenvolver e para que os brasileiros possam entender, assim como os irlandeses entenderam, que não há sacrifício tão grande como este, e que façamos de tudo para termos o Santo Sacrifício da Missa, e que sejamos capazes de corajosamente superar qualquer obstáculo ou qualquer comodidade para nutrir a vida de nossas almas. São desejos altos os meus, caros irmãos, eu sei, mas se tivermos realmente a noção de que com nossas orações e os nossos sacrifícios podemos alcançar o maior número de almas e, quem sabe, queira Deus também alcançar estes santos desejos, então podemos confiar, irmãos. Sursum Corda!

— Pe. Frei Pedro Maria, O. F. M. Sub

NOTÍCIAS DO MÊS

Visita do Rev. Padre Gerard McKee

De 15 a 22 de setembro, recebemos, pela segunda vez e com muita alegria, o Reverendo Padre Gerard McKee, CMRI, que veio nos visitar como confessor e diretor espiritual extraordinário, assim como representante de nosso amado Bispo, Sua Excelência Reverendíssima Monsenhor Mark Pivarunas, CMRI. As visitas do Padre Gerard são sempre motivo de solenidade para nosso convento. Na ocasião desta visita, ele nos presenteou com uma Relíquia da pedra do Monte Gargano, onde São Miguel Arcanjo apareceu.



Padre Gerard cantou Missas em nosso convento, visitou a Capela São Patrício, e lá celebrou a Missa Dominical. Aos 22 dias de setembro, nossa comunidade despediu-se de Padre Gerard, sempre aguardando ansiosamente por sua próxima visita.

Festa das Chagas de São Francisco

No dia 17 de setembro, festa da Impressão das Chagas de nosso Seráfico Padre São Francisco, durante a visita do Reverendo Padre Gerard McKee, tivemos a Santa Missa cantada em nosso convento. Esta festa é uma das mais importantes para nossa Ordem, quando recordamos e celebramos a aparição do Serafim Crucificado no Monte Alverne, em que deixou impressas nas mãos, pés e lado de São Francisco as chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Iª Edição dos Jogos Seráficos

Por ocasião das festas da Impressão das Chagas de São Francisco e da festa de São José de Cupertino, Sua Caridade Frei João Maria Vianney, Vigário Conventual, convocou a Primeira Edição dos Jogos Seráficos em nosso convento para recreação dos frades.

Durante os dias de jogos, houve diversas atividades recreativas para todos os irmãos, a fim de estreitar sempre mais os laços da caridade fraterna entre os religiosos.

Fundação da Associação Irmãos de São Francisco

Com a graça de Deus e o patrocínio da Bem-Aventurada sempre Virgem Maria, nossa Associação Irmãos de São Francisco foi definitivamente fundada, sendo, assim, reconhecida oficialmente pela República Federativa do Brasil como Organização Religiosa.

Tem nossa associação como fim último em seu estatuto assegurar a continuidade de nossa amada Ordem no Brasil, mediante a observância de nossa Santa Regra, Constituições Gerais e da Tradição da Santa Igreja Católica Apostólica Romana. Trabalhamos agora para realizarmos as devidas

adequações do campo administrativo aos requisitos que nos pede a pessoa jurídica.

A associação em breve publicará uma nota oficial, informando as novas formas de ajudar nosso convento. Agradecemos todo o apoio dos fiéis da Capela São Patrício nesse projeto.

Aniversário de Sagração de S. E. R. Dom Mark A. Pivarunas



Monsenhor Pivarunas

No dia 24 de setembro comemoramos o aniversário de 30 anos de Sagração Episcopal de nosso amado Bispo, Sua Excelência Reverendíssima Monsenhor Mark A. Pivarunas, CMRI. Nesta ocasião, nosso Reverendo Padre Guardião Frei Pedro Maria enviou a felicitações em nome da comunidade.

Festa Patronal de São Miguel Arcanjo

No dia 29 de setembro, festa da Dedicção de São Miguel Arcanjo, um dos patronos de nosso Convento, celebramos sua festa com toda a solenidade possível. Neste dia, concede-se férias aos religiosos estudantes de Teologia e Filosofia. O Rev. Padre Guardião



cantou a Missa, a qual foi transmitida pelos meios de comunicação. Neste dia, pedimos a São Miguel Arcanjo pelas vocações Sacerdotais e Religiosas, pelo nosso querido Brasil, Terra de Santa Cruz e pelas Benditas Almas do Purgatório.

Atualização de nosso endereço de correspondência

Informamos que foi acrescentado ao nosso endereço de correspondência o número de nossa caixa postal. Portanto, para envio de correspondências em geral, favor utilizar o seguinte endereço:

ASSOCIAÇÃO IRMÃOS DE SÃO FRANCISCO
Caixa Postal 31
Bofete – SP
18590-000

CALENDÁRIO FRANCISCANO *Principais festas Franciscanas indulgenciadas para as três Ordens*

Quem no mês de Outubro recitar cinco mistérios do rosário de Nossa Senhora, 7a cada dia, IP (3), para quem o fizer na festa do rosário.

- 2 – Santos Anjos da Guarda, IP (5).
- 4 – São Francisco de Assis, fundador da três Ordens, AG (3), IP (3), IP (5), 10a (0).
- 6 – Santa Maria Francisca das Cinco Chagas, IP (5), 7a (0).
- 7 – Santo Rosário de Nossa Senhora, 7a (0).
- 8 – Santa Brígida, 7a (0).
- 10 – S. Daniel e companheiros, IP (5), 7a (0).
- 11 – Maternidade de Nossa Senhora, 7a (0).
- 12 – São Serafim de Montegrano, IP (5), 7a (0).
- 19 – São Pedro de Alcântara, Padroeiro do Brasil, IP (5), 7a (0).
- 22 – Dedicção das Igrejas Consagradas, 10a (0).

No penúltimo domingo de Outubro, celebrando-se o “Dia das Missões”, IP (4), rezando-se pela conversão dos infiéis; 7a tq., visitando uma das funções, onde houver, e rezando pela conversão dos infiéis.

- 26 – Beato Boaventura de Potenza, IP (5).
- 28 – Santos Simão e Judas, Apóstolos, 3a (0).
- 30 – Beato Angelo de Acri, IP (5).
- Cristo Rei, no último domingo de Outubro, 7a (0).

Quem assistir à renovação da consagração, 7a, IP (3).

Significação das abreviações:

IP: indulgência plenária;

AG: absolvição geral;

7a, tq: 7 anos toties-quoties;

7a: 7 anos.

Condições das Indulgências:

O algarismo entre parêntesis indica as condições particulares de cada indulgência a satisfazer para ganhá-la. Onde não figurar tal algarismo, subsistem as condições gerais: contrição e intenção de se lucrar a indulgência. Os algarismos significam:

(0) Contrição, intenção, visita da igreja da Ordem.

(1) Contrição, intenção, visita da igreja da Ordem ou paroquial, um Pater, Ave, Glória pela intenção do Papa.

(2) Confissão, comunhão.

(3) Confissão, comunhão, um Pater, Ave, Glória pela intenção do Papa.

(4) Confissão, comunhão, um Pater, Ave, Glória pela intenção do Papa, visita de qualquer igreja ou capela pública.

(5) Confissão, comunhão, um Pater, Ave, Glória pela intenção do Papa, visita da igreja da Ordem ou paroquial.

(6) Confissão, comunhão, visita da igreja da Ordem ou paroquial, nove Pater, Ave, Glória diante do Santíssimo ou altar-mor, destes um Pater, Ave, Glória pelo Papa. Na falta de confissão e comunhão lucraram-se 10 anos de indulgência. São estas as tais indulgências das “Estações”.

PEQUENOS NA TERRA, GRANDES NO CÉU

*Vida de homens e mulheres notáveis
pela vida de santidade.*

Servo de Deus Fabiano de Cristo

Primeira parte – Capítulo II

“Em que emenda o jovem seu caminho? Guardando, ó Deus, os Vossos mandamentos”. Salmo 118, 9

Muitos Santos, cuja vida devia seguir na terra caminhos fora do comum, e destarte ser legada à posteridade como um exemplo da onipotência da Divina Graça, deram por disposição da Providência indícios dessa existência extraordinária já nos seus albores. É o que admiramos no nascimento e adolescência de S. Francisco de Assis e de tantos outros Santos.

Frei Fabiano de Cristo não devia ser deste número. A derrota que lhe estava traçada, não o conduzia pelas sendas salientes dos grandes vultos da Igreja que se destacaram por feitos eminentes. Reservada lhe estava a grandeza da vida oculta, bem precioso de tantas almas eleitas, máxime dos últimos séculos, à semelhança de S. João Berchmans ou de Santa Teresinha do Menino Jesus. Sua infância e meninice em nada se diferenciaram do trilha ordinário que nessa quadra a vida humana costuma seguir.

As crônicas calam-se por completo sobre esta época da vida do Servo de Deus. E este silêncio encontra cabal explicação na humilde condição da família Barbosa, que não teria tido de certo lazer para guardar por escrito reminiscências do passado, e não menos na extrema modéstia do nosso Frei Apolinário que de si próprio nem a amigos íntimos proferia qualquer palavra que lhe servisse de louvor.

Podemos, todavia, fazer uma ideia ao menos aproximativa desses anos, refletindo um pouco sobre algumas notas, embora vagas, que Frei Apolinário nos legou.

Antes de tudo nos cumpre pôr em relevo a importantíssima circunstância que o pequenino João, no ambiente genuinamente cristão de seu lar paterno, sorveu, como se costuma dizer, a fé com o leite materno. Bem diverso de tantas outras crianças, verdadeiramente lamentáveis, que nascem e crescem num meio entenebrecido pelas densas nuvens do materialismo e das sensualidades, o filho de Gervásio Barbosa, mal lhe ia desabrochando a razão, já recebia em cheio os benéficos raios da verdade revelada pelo Filho de Deus, feito homem. Ao passo que ia conhecendo o pequeno mundo que o cercava, seus pais e irmãs, ia-se familiarizando também com outro mundo que não via, mas lhe era como se o visse; um céu cheio de Anjos e Santos, onde estavam o “Papai” e a “Mamãe do Céu,” que tanto o amavam e que

também ele devia amar para ser feliz junto deles um dia. Deste modo, aquela tenra natureza ia-se amoldando sempre mais ao sobrenatural, e a graça podia nela agir sem maiores estorvos. Os anos passavam rapidamente e na mais deliciosa tranquilidade, mas não sem produzirem, nessa almazinha de escol, profunda moessa que jamais dela seria dissipada.

Em Soengas, nada se notava do bulício das grandes cidades, da sofreguidão das paixões, do desenfreado desejo de gozar. A vida aí deslizava calma e pacata, mas feliz e sorridente, cheia de viço e de esperanças como a úbere vegetação que a cercava. Toda a província do Minho se celebrizou por suas festas alegres e ruidosas, se bem que simples e rústicas, a que davam ensejos as colheitas da uva e dos cereais, como outras datas tradicionais.

O lar de Gervásio terá tomado parte nesse mesmo gênero de vida. As horas do dia, com exceção dos domingos e festas, eram empregadas nos árduos trabalhos manuais. João via seu pai sair, dia a dia, pela manhã, para o labutar no campo, e sua mãe e irmãs ocuparem-se de manhã à noite com os misteres da casa. Também ele insensivelmente se foi encaminhando a semelhantes trabalhos. Mal lhe foram permitindo as forças de idade, já tinha que ajudar ora à mãe em casa, ora ao pai nos trabalhos rurais; foi-se assim acostumando desde cedo a fugir ao ócio, pai de todos os vícios, e àquela admirável operosidade que notamos em toda a sua vida.

Possuía Gervásio em sua herdade algumas ovelhinhas. Era João em criança o encarregado de as levar ao pasto e conduzir ao redil. Aparece-nos assim como um pastorzinho, nesse emprego, em que, como observa Frei Apolinário, já tantos Santos se tinham ocupado. Como pastor, teve ocasião de desenvolver a natural bondade do seu coração, qual mais tarde patenteou, cuidando das suas “ovelhinhas” sofredoras.

Mais crescido, João saía com o pai ao campo, ajudando-o nas plantações e outros trabalhos da lavoura.

Além dessas ocupações, não erraremos afirmando que tenha reservado algumas horas para os elementares estudos de ler e escrever, pois que mais tarde o encontramos na posse desses conhecimentos. Impossível nos é averiguar se para isso frequentou

alguma escola ou se aprendeu essas primeiras letras mesmo em casa, mais pelo próprio esforço que obrigado. Em todo caso, não foi certamente o estudo a principal ocupação de sua juventude devido em parte à condição da família e principalmente ao atraso geral em que então sua Pátria se achava quanto às letras.

Um temperamento mais calmo e mesquinho que o de João Barbosa sentir-se-ia feliz nessa vida simples, trabalhosa, mas também sulcada de muitos prazeres e delicioso bem-estar. Os carinhosos pais, o torrão natal tão aprazível e belo, a convivência dos amigos absorvê-lo-iam completamente sem dar azo a quaisquer outras aspirações.

João, porém, era de natural vivo, expansivo, empreendedor. Seu horizonte não se podia limitar às colinas cercadas pelo Ave e Vizela. Aí não podia sentir-se no seu elemento. Faltava-lhe alguma coisa que provavelmente mesmo ignorava o que era, mas nós, hoje, conhecendo seus ideais e toda a sua alma, podemos descobrir.

Era uma inata aspiração à grandeza que nele já então se fazia notar. Seu coração já era maior que Soengas. Por demais tacanho lhe era o afã de lavrador. Como poderia passar a vida a amanhar a terra? Ali estavam ainda os vestígios da antiga grandeza de seus antepassados! Alcançara a adolescência, a idade dos sonhos e aspirações. Podemos imaginar com quanta ânsia seu coração almejava recuperar as perdas glórias do nome Barbosa.

Ora, os bens da fortuna pareciam-lhe condições necessárias para reaver as terras do antigo morgado e a antiga posição da família. Mas como ganhá-los?

Perspicaz, compreendeu que, como lavrador, dispondo de poucas terras, pouco ou nada conseguiria, mesmo que nesses trabalhos consumisse todas as suas forças.

Mais adaptado a esse fim, como também mais conforme ao seu natural, pareceu-lhe o comércio. Dando-se à vida de negociante, podia expandir-se, empreender, arriscar, ganhar e, deste modo, a seu ver, vir a ser grande.

É de supor que o pai visse com bons olhos as aspirações do filho, pois não consta que lhe tenha contraposto a autoridade paterna. Desprevenido, porém, de cabedais, em nada o podia ajudar.

Ainda adolescente, viu-se João a braços com a luta pela existência, sem outros recursos que uma indomável coragem e ótimas aptidões.

Soengas mesma, em seus acanhados limites, nada lhe podia prometer. Era-lhe necessário transpor as raias do torrão natal e abrir caminho pelo mundo além. Nada o amedronta. Para realizar essas aspirações, está pronto a qualquer sacrifício. Sem embargo do seu natural extremoso, faz violência a si para deixar os pais e irmãs, embora lhe sangrasse o coração.

Seus passos foram dirigidos para o Sul, onde, a três horas de caminho, se levantava cheia de vida a cidade do Porto.

Durante a quadra feliz da adolescência, João não se esquecia de Deus e dos deveres para com Ele.

Aqueles primeiros raios do mundo sobrenatural que lhe iluminaram a razão, quando ainda mal despontava, foram se tornando com os anos sempre mais lúcidos e fortes.

Como era costume, João terá frequentado o catecismo na Matriz de Soengas. Aprendia aí teoricamente o que em prática via e exercia em seu próprio lar.

Por esse tempo caiu também o dia entre todos ditoso da Primeira Comunhão. Nenhum pormenor nos foi conservado dessa solenidade; ignoramos-lhe mesmo a data exata. O que podemos afirmar é que essa Sagrada Comunhão foi de fato a primeira dentre muitas outras. Desse dia em diante, nunca mais deixava de inebriar-se frequentemente com esse Manjar celeste.

Já então se lhe podia notar especial atração para a Eucaristia, da qual mais tarde seria o mais fervoroso adorador. A igreja de São Martinho era-lhe um lugar predileto, que profundas raízes lançou no seu coração. Demonstra-o o fato de ele, muitos anos mais tarde, dela ainda se lembrar com especial carinho, quando distribuiu seus haveres antes de entrar para o convento.

Deste modo, com Jesus Hóstia no coração, logrou atravessar, sem se contaminar, a perigosa quadra da juventude. Deixando o lar paterno, levava consigo uma alma virgem e isenta de culpas graves.

Sua mente, é verdade, não alcançara ainda a única coisa necessária. (Lc 10, 42.) Em suas grandes aspirações tateava ainda em trevas. Mas apto era o

terreno para a mais profícua ação da graça. A ele podemos aplicar a palavra da Escritura: “Disponde os vossos corações e as vossas almas, para buscardes o Senhor, vosso Deus.” (1 Par 22, 19.)

CASTRO, Fr. João José Pedreira de. **Vida e Virtudes Frei Fabiano de Cristo**, Petrópolis: Editora Vozes, 1944.

BALANÇO MENSAL

Por ocasião da fundação da Associação Irmãos de São Francisco, estamos em processo de ajuste do nosso plano administrativo e financeiro e, por isso, não publicaremos o balanço deste mês. Para o mês subsequente, nossos dados bancários serão atualizados e adequados aos requisitos da pessoa jurídica. Agradecemos a compreensão.

AJUDE-NOS

Paypal: freidimasmaria@gmail.com

Pix: (11) 97172-4702

Banco do Brasil – 001

Kaio Fernando Gonçalves Amaral

CPF 065.946.496-98

Ag. 3895-4

Cc. 60985-4



ASSOCIAÇÃO IRMÃOS DE SÃO FRANCISCO

Convento de São Miguel e de Santo Antônio

CNPJ: 43.486.023/0001-60

Bofete-SP